



Sábado

15-08-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Sociedade

Dimensão: 3800 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 66 a 72

Entrevista de vida a

LUÍS PORTELA

Em adolescente pensou ir para o Tibete e ficar lá para sempre. Acabou à frente da maior farmacêutica portuguesa, quase a facturar 300 milhões por ano, e a escrever livros que reflectem interesses como a parapsicologia e a crença na reencarnação. Por **Silvia de Oliveira**

“Não gosto de festejar o nascimento de Jesus com uma bacalhoadada”

Ambiciona que a sua empresa entre no top 5 mundial, ainda que vá dizendo que nunca teve a motivação de ganhar dinheiro e que o seu património “é do mundo, do universo”. Conversa sobre êxitos, fracassos, amores, paixões – e sobressaltos científicos e judiciais.

Fez 67 anos recentemente. Já sabe o que veio fazer nesta vida à Terra, o mundo-escola, como lhe chama?
Considero que sou um ser espiritual, de passagem na Terra. Sinto-me bem comigo e com os outros. Fiz algumas coisas que gostaria de não ter feito, mas não soube fazer melhor. Globalmente, dou-me por satisfeito, em termos pessoais, familiares e profissionais. Aquilo que na fase final da minha vida mais gostarei de fazer está relacionado com os meus objectivos de vida na juventude: dar algum contributo para o esclarecimento espiritual da Humanidade. **O seu interesse pela espiritualidade vem de muito novo.**

Luís Portela fotografado em Julho na sede da Bial

Quando tinha 15 anos fiz uma comparação entre a bíblia católica e a protestante. Desde os meus 13 anos que me lembro de ler coisas sobre ioga, budismo, espiritismo...

É filho único?

Da parte da mãe, sim. Da parte do pai tenho três irmãos. O meu pai chamava-se António Emílio e faleceu aos 50 anos, quando eu tinha 21, o que marcou profundamente a minha vida. Ainda estava na faculdade a estudar Medicina.

Morreu como?

De enfarte de miocárdio. Ele tinha problemas cardíacos. Ia no carro – a ser conduzido – e morreu. Gostei, gosto muito do meu pai e sentia que ele também gostava muito de mim. Onde não estivemos muito de acordo foi que ele queria que eu fosse trabalhar para a Bial e eu queria ser médico. A minha mãe, que tem 97 anos, chama-se Rosa e também me passou os mesmos valores, mas com níveis de exigência mais elevados.

É o filho mais velho?

O segundo. Os meus não pais fo-

“O meu pai teve quatro filhos de três senhoras. Só vivi com os meus pais juntos até aos três anos”

RICARDO MEBELLES

Sábado

15-08-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

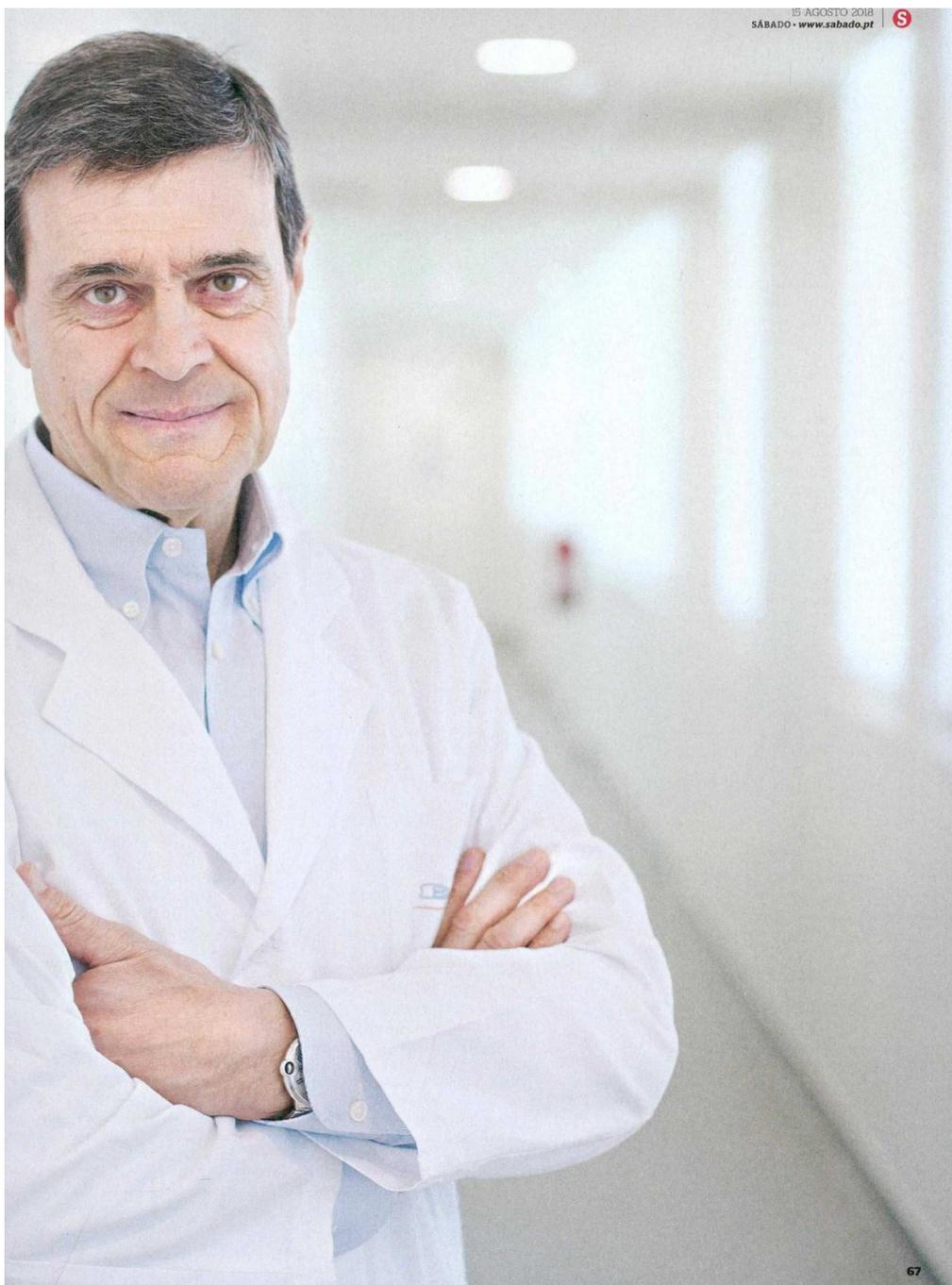
Tiragem: 116250

Temática: Sociedade

Dimensão: 3800 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 66 a 72



Dinheiro

ram casados. O meu pai teve quatro filhos de três senhoras diferentes. Só vivi com os meus pais juntos até aos três anos, depois eles separaram-se. Fui bom aluno e tinha muito gosto nisso. Era bem-comportado, raramente fazia asneiras.

Passou pelas coisas típicas da adolescência, como o álcool, as drogas, as festas e as namoradas?

Drogas, nunca experimentei. Tinha mais gozo em fazer as coisas direitinhas do que fazer experiências. Pisar o risco deixava-me mal comigo próprio. A partir dos 14 anos comecei a fumar uns cigarritos. O meu pai chamava-me a atenção para não deixar entrar em mim o vício. Aos 20 ou 21 anos percebi que não sentia necessidade de pegar no cigarro e, então, parei. Sou feito da mesma massa que os outros. Por outro lado, comecei a fazer meditação quando tinha 17 anos.

Na sede da Bial trabalham perto de 400 dos quase mil trabalhadores do grupo. Qual a taxa de fumadores?

Não sei, mas na administração da empresa – somos nove – a única senhora é a única fumadora. Também fuma naquela casinha [mínima, situada na estrada, junto à portaria].

Com que idade teve a primeira namorada?

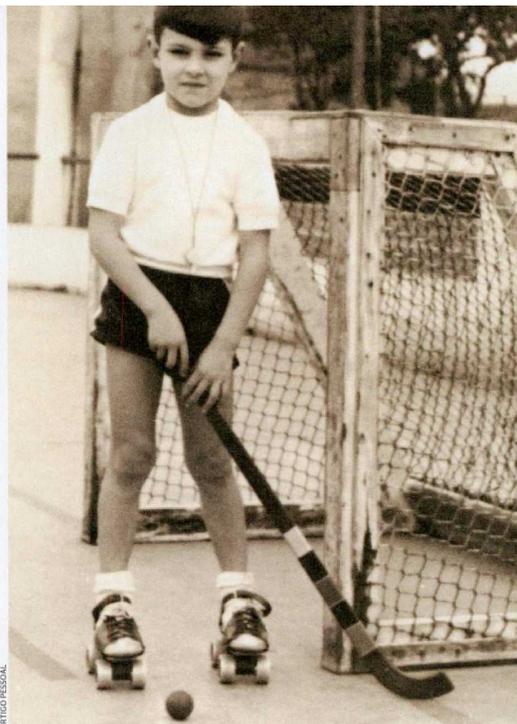
Aos 15. Aos 20 comecei a namorar com a mãe dos meus filhos. Tenho três filhos de sangue e duas filhas da minha terceira namorada e segunda mulher. Acho que me apaixonei das três vezes. Mas a grande paixão da minha vida é a minha terceira namorada e actual mulher (Ingrid, de origem belga). Estamos juntos há mais de 20 anos.

Começou a meditar aos 17 anos. Porquê?

Isto está ligado ao namoro. O meu liceu era masculino e do outro lado da rua havia o feminino. Quando entrei na faculdade, passei a ter muitas colegas e namorava. Foi um motivo de distração. No final do primeiro semestre, tive notas relativamente baixas e fiquei muito triste. Então, pus-me a estudar bastante e dormia pouco. Um dia reparei que já não me lembrava do que tinha lido duas ou três páginas antes. Falei com o meu pai e poucos dias depois estava a ser

F
"Um psiquiatra avisou-me que eu tinha um esgotamento, mas disse-me que a cura era descansar e não pegar nos livros"

F
"O meu pai pressionava-me para ir para Farmácia ou Economia, porque queria que eu fosse para a Bial"



visto por um psiquiatra, que me disse que tinha um esgotamento. Foi um grande ensinamento para a vida. Felizmente, o homem disse-me que não era preciso medicamentos, que a cura era descansar e não pegar nos livros nos próximos meses. E outra coisa que ele me ensinou foi a relaxar e a meditar. Passei a sinalizar quando exagerava e parava. Nunca mais na vida rebentei.

Com 17 anos, foi fácil meditar?

Ele era médico e tinha idade para ser meu avô. Respeitava-o, precisava de ajuda e o homem estava a ser muito razoável ao não me dar medicamentos. Esmerei-me. Não foi difícil ganhar a rotina. Há mais de 20 anos que o faço todos os dias. Faz parte de mim. Se tomamos um duche todos os dias, se temos hábitos de higiene alimentar, porque não haveremos de ter hábitos de higiene espiritual?

Porque escolheu ser médico?

Aos 15 anos comecei a alimentar o desejo de me isolar e de ser monge tibetano. Achava que o processo de autoconhecimento, autocontrolo, auto-aperfeiçoamento e de purificação dos monges tibetanos era qual-

quer coisa de sublime. Ponderei ir para o Tibete e, eventualmente, ficar por lá para sempre. Depois, sobretudo com o episódio do esgotamento, fui percebendo que, como a Terra funciona como mundo-escola, tinha oportunidades tão grandes e ricas em contacto com o mundo real.

Abdicar disso para ir para o Tibete poderia ser uma perda.

Medicina, porquê?

Medicina porque gostava de ajudar os outros. A área das neurociências era pouco conhecida e, sobretudo, a parapsicologia estava muito mal trabalhada. Queria estudar o ser humano, em termos físicos e espirituais, fazer clínica e investigação e, eventualmente, leccionar. A minha mãe gostava muito que eu fosse para Medicina, mas o meu pai pressionava-me para ir para Farmácia ou Economia, porque queria que fosse para a Bial.

... fundada pelo seu avô Álvaro.

Sim, em 1924. O meu avô começou a trabalhar numa farmácia do Porto, que ainda se chama a Farmácia do Padrão. O patrão dele era o sr. Almeida. Ele destacava-se pelo trabalho e boas ideias. Montaram um la-

Sábado

15-08-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Sociedade

Dimensão: 3800 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 66 a 72

Equipado para jogar hóquei em patins, uma modalidade no auge da popularidade nos anos 60

boratório independente, mais industrial. Tentaram registar o nome Biol, de biologia, mas foi chumbado. Depois, lembraram-se de que como um era Almeida e o outro Álvaro, dois nomes começados por "Al", seria Bial. O meu avô faleceu em 1961 e o meu pai sucedeu-lhe.

O seu avô tinha gostos peculiares.

Era uma pessoa extrovertida, que se passeava, nos anos 50, pelo Porto, de Cadillac amarelo descapotável. Desde miúdo que diziam que tinha a maneira de ser do meu pai e da minha avó paterna. O meu pai era um homem muito discreto, talvez mais ainda do que eu.

Contrariou o desejo do seu pai de lhe suceder na Bial.

Quando acabei o liceu e me ia inscrever na faculdade fui ter com ele, com um ar muito formal. Disse-lhe que tinha estado a pensar e que, afinal, me ia inscrever em Farmácia. As lágrimas saltaram-lhe pelo rosto abaixo, levantou-se, deu-me um grande abraço e disse-me: "Não vais nada para Farmácia, vais para Medicina." Foi um momento marcante, aquele abraço que demos... [lágrimas nos olhos]. Não lhe fiz a vontade em vida, fi-la depois de ele partir. Comecei logo a trabalhar na empresa.

Foi um sacrifício para si?

Foi um ter de ser. Devemos ser exigentes connosco, mas tolerantes perante a vida. Em 1972, quando herdei 31% da Bial, poderia dizer-se que era um jovem rico. Tinha património, mas não tinha dinheiro. Fui trabalhar para o ganhar.

Herdou mais do que os seus irmãos?

O meu pai deixou, em testamento, mais capital aos dois mais velhos e menos aos dois mais novos.

Já tinha desistido da ideia de ser médico?

Não. Dava o meu melhor na Bial, mas continuava a ir às aulas e cada vez com melhores notas. Acabei o curso e fui trabalhar para o Hospital de São João e para a Faculdade de Medicina, onde fui destacado para Psicologia. Durante seis anos dei a cadeira de Psicofisiologia. Fui fazendo um bom trabalho e fui-me candidatar a bolsas, até que ganhei uma para fazer o doutoramento

"Quando herdei 31% da Bial, tinha património mas não tinha dinheiro. Fui trabalhar para o ganhar"

A vida

em Cambridge. O grande sonho da minha vida. Mas para isso tinha de vender os meus 31%. O meu irmão não quis comprar a minha parte, até que um dia lhe propus comprar a dele. E assim acabei por comprar as posições de todos os sócios.

Onde arranjou dinheiro?

Empenhei-me até à ponta do cabelo [risos]. Tinha algumas economias, a minha mãe e avós maternos disponibilizaram o que tinham, a banca acreditou em mim e um amigo de família disse-me que me financiaria no que precisasse, sem limite e sem tostão de juro. Quando alguém nos diz isto cria-se uma responsabilidade enorme. Tinha 27 anos, já era casado e tinha três filhos. Infelizmente perdemos um a meio do caminho.

Cambridge foi à vida.

Pois, não tinha de ser, paciência. Ainda hoje tenho uma grande nostalgia de não ter feito o doutoramento e de ter perdido o contacto com o doente e com o aluno. Mas nunca me senti infeliz por isso. Senti que, num mundo onde há tanta gente sem alternativas, tinha duas soluções importantes pela frente. No dia em que assumi a liderança da Bial prometi a mim mesmo, sem dizer a ninguém, que se sobrasse algum dinheiro iria arranjar uma maneira de apoiar os que estavam a fazer a carreira que eu abdicava de fazer. **O seu interesse pela parapsicologia nunca gerou preconceitos?** Não... Sempre procurei fazer uma gestão equilibrada da situação. Quem desenvolveu esses projectos foi a Fundação Bial, sob orientação dos representantes do conselho de reitores e do conselho científico, que velam para que tudo seja feito com rigor e de acordo com o método científico.

Não o olhavam de lado por acreditar na reencarnação?

Não sou muito de falar sobre a teoria das vidas sucessivas. Tenho bons amigos com os quais nunca falei sobre espiritualidade. Gosto de me sentir um livre pensador, mas nunca gostei de vendedores de ideias. Nem com os meus filhos, cada um segue o caminho que quer. Agora, publicar livros e apoiar a investigação já é outra coisa. As coisas bonitas, a vida



1952

Com oito meses, Luís **ao colo da mãe, Rosa**, que ainda é viva e tem 97 anos



1958

Alvaro e António Emílio, respectivamente **avô e pai** de Luís Portela



1979

Uma **das primeiras reuniões** como presidente da Bial, com colaboradores do pai



1992

A receber do Presidente Mário Soares a **comenda da Ordem do Mérito**



2018

A assinalar os 94 anos da empresa, **com os filhos** António, à direita, e Miguel

dá-nos de graça, não podem ser compradas ou negociadas.

Que coisas bonitas a vida lhe deu?

Ao sábado de manhã faço um passeio de bicicleta com um grupo de amigos. O prazer enorme que é subir e descer o rio Douro e seguir até ao mar. Que gratidão tenho perante a vida. Ou quando chego a casa e um dos meus gatinhos me vem receber à porta e dar umas turrinhas nas minhas pernas.

É rico. É por isso que consegue aproveitar as pequenas coisas da vida?

Procurei transmitir aos meus filhos e procuro, agora, transmitir aos meus netos que a verdadeira riqueza é serem pessoas honradas, honestas, capazes de sobreviverem bem na vida, de forma equilibrada e ponderada, sobretudo, do ponto de vista espiritual. Quanto ao resto, é uma questão de experiências e gestão. Ao longo da vida procurei gerir apropriadamente os bens materiais, consciente de que nada é meu, sou apenas o gestor temporário.

De quem é o seu património?

É do mundo, do universo. Sigo as regras normais, pelo que é, primeiro, dos meus filhos e dos meus netos. Não é pecado ganhar dinheiro. É bom as pessoas esforçarem-se e serem recompensadas por isso.

O que é que o motivou a ganhar dinheiro?

Nunca tive a motivação de ganhar dinheiro, ou ser rico. O que queria, quando assumi a empresa, era honrar a obra do meu avô e do meu pai. Não teria abdicado da minha carreira de médico e investigador por nenhuma outra empresa que não a Bial. Traçámos metas e assim surgiu a ideia de levarmos novos medicamentos ao mundo.

Antes vendiam as cópias de produtos de outras empresas?

Primeiro, começámos por trazer inovação de terceiros para Portugal. O primeiro produto a comercializarmos, sob a minha gestão, foi o Reumon Gel. Mais tarde, o antibiótico Clavamox. Foi com esses medicamentos licenciados que criámos condições para irmos para outros países. **Começaram depois a desenvolver os vossos próprios medicamentos.**

Sábado

15-08-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Sociedade

Dimensão: 3800 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 66 a 72

F
“Não sou muito de falar sobre a teoria das vidas sucessivas. Tenho bons amigos com os quais nunca falei de espiritualidade”

Era a forma mais sustentável de nos desenvolvermos e de sermos úteis à humanidade. Desenvolver novas terapêuticas para curar doenças. Com margens melhores para podermos reinvestir. Em Portugal, nunca ninguém tinha feito isso. No início, diziam-nos que isto não era possível.

Quando lançaram o primeiro medicamento desenvolvido na Bial?

Só em 2009, 16 anos depois de criarmos o departamento de investigação. Foi preciso muita paciência e muitas noites sem dormir. Por vezes, estamos a apostar numa determinada molécula e depois percebe-se que tem efeitos colaterais no ratinho ou no coelho. Começamos tudo de novo. E, entretanto, estamos a investir. Ao longo de 15 anos, investimos 350 milhões de euros na investigação do Zebinix, um antipirético, que está hoje em mais de 30 mercados. No medicamento que desenvolvemos para a doença de Parkinson investimos 280 milhões. Já está a ser vendido em cinco países. Foram, recentemente, aprovados os preços e as participações para Portugal. A partir de 1 de Setembro estará disponível.

Estão a trabalhar em que novos medicamentos?

Trabalhamos em sistema nervoso central e cardiovascular. Os primeiros dois medicamentos são da área do sistema nervoso central e agora estamos a trabalhar na área cardiovascular, num produto para a hipertensão arterial pulmonar.

Facturaram, em 2017, 272 milhões de euros, mais 17% do que no ano anterior. Será possível continuar a crescer a taxas de dois dígitos?

Somos a maior farmacêutica portuguesa e o objectivo é estar no top 5, se contarmos com as multinacionais. Temos vindo a internacionalizar-nos. Temos filiais em 10 países, mas vendemos os nossos produtos em 58. O mercado externo já representa 70% do negócio. Em Portugal, conseguimos crescer 1% ou 2% ao ano.

Em 2011, entregou a gestão executiva ao seu filho mais velho, António. Alcançou aquilo que o seu pai só conseguiu após morrer.

Como não achei graça à pressão do meu pai resolvi não o fazer em relação aos meus filhos. Fiquei caladi-

F
“Por vezes estamos a apostar em determinada molécula e depois percebemos que tem efeitos colaterais no ratinho ou no coelho”

Dinheiro

inho à espera. O António [43 anos], quando estava a terminar o curso de Economia, disse-me que gostava de trabalhar na Bial, mas que não queria começar como meu filho. Começou a responder a anúncios e arranjou um lugar como delegado de formação médica na Roche, em Inglaterra. O mais novo, o Miguel [39 anos], também trabalha na Bial, mas quis correr a empresa toda durante um ano e meio. Começaram de baixo para cima.

Como é ser chefe dos seus filhos?
 Houve alguns momentos complicados, mas, de uma forma geral, foi e é bom. O primeiro meio ano após ter deixado o cargo de CEO foi muito complicado porque estava habituado a pegar nas coisas e avançar. Depois criei o hábito. Esses problemas nunca contaminaram a relação pessoal. Ao sábado, de 15 em 15 dias, mantemos o hábito de almoçarmos lá em casa. Os meus três filhos, as duas filhas da minha mulher e os meus sete netos.

Também se juntam no Natal?
 Não festejamos o Natal. Tenho demasiado respeito pela figura de Jesus Cristo. Não gosto da ideia de festejar o seu nascimento com uma bacalhoadada e muito menos com troca de presentes.

Os seus filhos cresceram sem Natal.
 É verdade e acho que não foram infelizes por causa disso. Tinham presentes noutras alturas. O mesmo faço com os meus netos. Para mim, Jesus foi um ser extraordinário, tal como Buda, Confúcio e outros. A melhor maneira de os festejar é procurar seguir os seus exemplos.

Em que fase estão as investigações aos ensaios clínicos feitos em França, em Janeiro de 2016, que resultaram numa morte?

Foi um momento difícil. Toda a gente sabe que quem investiga na saúde está sujeito a este tipo de acontecimentos, mas sempre pensamos que acontece aos outros. Foram dias de grande preocupação e tensão. Agora, sempre tive a convicção, por todos os dados que tinha, de que tínhamos cumprido as nossas regras. Desde então, gastámos cerca de 1,5 milhões de euros só para perceber como tudo aconteceu. As autoridades fran-



B No seu gabinete: prevê continuar como *chairman* apenas mais alguns anos, "poucos"

cesas ainda continuam a investigar, mas soubemos, através de um comunicado do Ministério Público francês do Verão passado, que o senhor tinha um problema a nível arterial cerebral, desconhecido, que justificava a causa da morte.

Este acontecimento condicionou a actividade da Bial no futuro?

Não. Mas naquela semana perdemos os 13 milhões de euros que tínhamos investido. O desenvolvimento deste analgésico foi para o lixo.

A imagem e a credibilidade da Bial foram afectadas?

Ficaram beliscadas, mas nunca ninguém da indústria, ou da investigação, se atirou a nós. Mas é natural que as vendas se tenham ressentido. Hoje, está tudo normalizado.

A Bial foi também visada no processo Panama Papers, por causa de um offshore.

Não tenho nada de novo. De forma muito clara, eu não tenho nenhum *offshore* e a Bial não tem nenhum *offshore*. Não temos, não queremos ter e não vamos ter. No passado, de uma forma legal, entendemos que para operacionalizar determinado negócio era adequado criar um *offshore*, que tivemos temporariamente no Panamá. Há muito tempo que temos uma empresa normal, a partir da qual coordenamos toda a região da América Central.

Fugiram ao fisco?

Não. Em alguns países, criar uma empresa demora anos e um *offshore* cria-se numa semana. Quando as investigações começaram já estava mais do que fechado. Já não era necessário.

Há ainda um outro processo de 2015 relacionado com burlas e corrupção no Serviço Nacional de

Saúde que envolveu a Bial, que foi, inclusive, alvo de buscas. Foram constituídos vários arguidos na Bial. Em que fase está o processo?

Que saiba as investigações ainda estão a decorrer. Continuo sem saber o que isso é, mas abrimos uma investigação interna. Verificámos não sei quantos anos de *emails* e de documentação e não encontramos absolutamente nada.

Qual a sua opinião sobre a eutanásia?

Sou um defensor da vida. Como os médicos, em geral, trabalho para beneficiar a vida. Agora, qualquer um pode cometer o suicídio. Na minha opinião pessoal, não deve. Vimos ao mundo-escola para aproveitar o mais possível. Um espiritualista não desdenha o seu corpo físico, é alguém que o estima e faz dele uma gestão apropriada para fazer perdurar a sua experiência na Terra. Pôr fim à vida interrompe o processo. Que se pretenda que, por lei, um profissional de saúde seja obrigado a ser conivente com essa situação já não me parece tão certo.

O que lhe falta fazer nesta vida?

Como gestor, a minha última obrigação era preparar uma equipa de gestão que me sucedesse. Feito. Durante mais algum tempo, poucos anos, continuarei como *chairman*. Nos últimos anos da vida gostaria de me dedicar mais à área espiritual e investigação parapsicológica, lendo, eventualmente, escrevendo mais livros [foi lançado, em Junho, o livro *Da Ciência ao Amor – Pelo esclarecimento espiritual*] e desenvolvendo o trabalho da Fundação Bial.

Tem medo de morrer?

Nenhum. Mal de mim, todos nós morremos um dia. **■**

F "Naquela semana [da morte num ensaio clínico] perdemos os 13 milhões que tínhamos investido"